



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

UMA ANÁLISE SOBRE AS FUNÇÕES DO GÊNERO FEMININO E A INSERÇÃO DA MULHER NO MEIO MILITAR

Lorena Cabral de Lima Santos (1); Alanny Nunes de Santana (2); Fernanda Nunes Ribeiro (3)

Universidade Federal de Campina Grande

lorena_cabraldelima@hotmail.com

INTRODUÇÃO: A diferença entre os sexos (masculino e feminino) é marcada por direitos referentes à ambos, os homens detêm da possibilidade de exercer funções diretivas ao seu grupo por serem considerados aptos a realizar atividades diversas as quais as mulheres são impedidas por serem consideradas frágeis e delicadas. Este discurso de superioridade do homem em relação à mulher vêm desde os primórdios da história, no entanto, em um processo lento e gradual, a mulher vem mostrando que pode exercer atividades antes destinadas apenas aos homens e hoje, por mais que ainda haja muito preconceito e resistência, o “sexo frágil” conquistou o direito de estudar e trabalhar em vários ramos, inclusive na área militar, campo antes exclusivo para homens.

Nesse sentido, o presente trabalho objetiva desenvolver uma revisão teórica acerca das funções de gênero feminino e das dificuldades encontradas pelas mulheres em exercer funções e conquistar espaço no mercado de trabalho, destacando sua inserção na academia militar. Justifica-se por tratar de ser um tema de grande relevância social, porém, conforme a pesquisa realizada pouco debatido. Além disso, o presente estudo servirá como fonte bibliográfica para novas pesquisas.

METODOLOGIA: Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, realizada a partir de uma revisão integrativa na base de dado Scientific Electronic Library Online (SciELO). Utilizou-se como descritores os termos “Educação and universidade and mulher”. Foram utilizados cinco artigos publicados no período de 1995 a 2014, sendo considerados os



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

seguintes critérios de refinamento: artigos publicados em português, exclusão de textos coincidentes, que não disponibilizassem o conteúdo completo e que não fizessem referência direta ao tema. Verificou-se a partir da pesquisa que existem poucos trabalhos disponíveis que fazem menção direta ao tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: A trajetória do trabalho e educação das mulheres passou por várias mudanças ao longo do tempo, pois esta teve que “ganhar” espaço em um mundo dominado por realizações de pessoas do sexo masculino. As mulheres eram inferiorizadas e sua função restrita aos afazeres domésticos. Porém, ao longo dos anos a mulher vem mostrando sua capacidade e ganhando espaço em todas as ocupações antes apenas destinadas ao sexo masculino, dentre estes espaços, estão a ciência, a educação, a medicina e o exército.

A história da carreira feminina tem basicamente destaque nas sociedades pastoris, onde houve um olhar para o papel da mulher. Nesse período, destaca-se a existência de rainhas guerreiras, mas também de mulheres vistas tão-somente enquanto propriedade sexual dos homens. As meninas eram orientadas para a extrema castidade, para envergonharem-se de seu corpo e habilitadas, abdicando de tudo por uma vida de trabalhos domésticos. À mulher cabia o controle da sexualidade enquanto que aos homens, incentiva-se a vida pública, a coragem, a virilidade e a independência (Fonseca, 1995).

A Idade Média é considerada como o período mais bárbaro para as mulheres, período em que a superioridade masculina se materializou de maneiras diversas. A caça às bruxas foi a forma mais impressionante da apropriação do saber feminino, principalmente no tocante ao cuidado com o corpo e com a saúde. (Fonseca, 1995).

Foi a partir desse período que fixaram-se os papéis sexuais como são conhecidos até os dias atuais. O sistema econômico passou para o Mercantilismo e depois para o Capitalismo, mas a mulher sempre segregada e desconsiderada como sujeito social livre. Por outro lado, nessa mesma época, em que a mulher e o demônio dominavam o imaginário e a moral europeia, dava-se partida ao processo de mistificação da feminilidade, onde as



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mulheres eram postas em um pedestal através do amor cortês. Porém, esse amor romântico, que trazia a mulher como delicada e frágil, ao mesmo passo fulminava o ódio (caça às bruxas – mulheres como feiticeiras), sendo então o empecilho para que na Renascença a mulher atingisse o mesmo patamar social que o homem (Fonseca, 1995).

Santos e Rocha-Coutinho (2010) corroboram com essa afirmativa destacando que, com base na ideologia dominante, expressa e reforçada pelos diferentes discursos sociais, que, na época Moderna, com a separação das esferas pública e privada, se classificou e hierarquizou as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, explicando o porquê ao homem deveria caber o espaço público do trabalho remunerado e do poder e, à mulher, o espaço privado não remunerado do lar e da reprodução. Este posicionamento, na época, não deveria ser questionado em nenhuma circunstância, uma vez que se justificava e se sustentava no argumento de que as diferenças entre os sexos eram biológicas e, com tal, naturais, isto é, inatas. Assim sendo, coube às mulheres serem levadas à ocupar uma posição de subordinação com relação aos homens que vem perdurando durante vários séculos e que ainda pode ser sentida mesmo que em menor grau e de forma mais sutil, na atualidade (Santos e Rocha-Coutinho, 2010).

Logo, à mulher coube a educação nos níveis primários e determinados trabalhos, pois os melhores salários e empregos, até mesmo nos dias atuais são destinados aos homens. Para tanto, o feminismo contemporâneo colaborou para modificar a posição das mulheres, pois, nas últimas décadas, tem-se testemunhado significativos avanços no que tange ao respeito a inserção e a participação das mulheres no campo científico (educação de nível superior) e outras formas de trabalho. Hoje em dia, é perceptível o número significativo de mulheres em muitas universidades e instituições de pesquisa. Destaca-se que a crítica feminista tem se ocupado em levantar problemas ao entendimento de que a produção legítima apenas se dá a partir dos valores associados ao masculino, onde as mulheres são consideradas naturalmente desprovidas (Silva e Ribeiro, 2014).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Porém, de maneira geral, nossa sociedade constitui-se por uma série de dualismos: razão/emoção, ativo/passivo, pensamento/sentimento, objetivo/subjetivo, público/privado, mente/corpo, sujeito/objeto, cultura/natureza etc. Esses pares dicotômicos são sexualizados, tendo em vista que o primeiro elemento do par relaciona-se ao masculino, e o segundo ao feminino. Ressalta-se que essas oposições binárias estabelecem hierarquias, onde o primeiro polo é sempre tomado como referência (Silva e Ribeiro, 2014).

Um fato merecedor de destaque nesse debate refere-se ao fato de as mulheres não obterem avanços na carreira na mesma magnitude que os homens, na medida em que ainda existem barreiras aos acessos de níveis de maior hierarquia e prestígios os quais impedem e comprometem as mulheres de estudar e conseqüentemente, construir sua profissão. Entretanto, por mais que hoje as mulheres participem de forma justa nos campos acadêmicos e trabalhistas do ponto de vista quantitativo, há na mesma proporção que homens, mulheres trabalhando e estudando, mas os melhores cargos e salários (acadêmica e trabalhista) estão ocupados por homens (Silva e Ribeiro, 2014).

Para tanto, é na educação junto ao social que essas diferenças podem ser modificadas, pois o ato de conhecer se respalda na prática social, haja vista que o sujeito deste conhecimento, resposta destas relações sociais, não se constitui num indivíduo isolado, e sim, num sujeito social. A educação tem por função social, transmitir esses conhecimentos, para que o educando possa interagir na sociedade, tendo instrumentos para então transformá-la. Nesse sentido, não basta ao homem criar o conhecimento, mas transformá-lo no processo de reprodução social. Destarte, será na análise de gênero, que serão abertas possibilidades de superar a condição de subalternidade feminina (Fonseca, 1995).

Silva e Ribeiro (2014) enfatizam que a produção das identidades e de gênero, está sempre implicada em fixar, classificar, separar, hierarquizar, instituir o feminino e o masculino, e, nesse processo, algumas características e habilidades são mais valorizadas do que outras. Fonseca (1995) corrobora com a ideia de gênero ao pressupor que este



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

compreende das relações estabelecidas entre os sexos na sociedade, separando o sexo biológico (diferenças biológicas, homens e mulheres) do sexo social (maneira na qual estas diferenças admitem nas diferentes sociedades ao passar da história).

Apesar das diferenças existentes entre homens e mulheres, ao decorrer da história, como dito anteriormente, a mulher conseguiu alguns direitos, e no Brasil, segundo Fonseca (1995) depois de muitas lutas, uma lei em 1827 concedeu à mulher o direito de instrução de primeiro grau. Daí em diante, as mulheres conseguiram mais conquistas, sempre com alguns impasses pelo fato do homem ser considerado o sexo dominante.

Porém, ainda existe uma exclusão das mulheres de alguns cargos e algumas funções, exclusões estas por vezes veladas, mas reais e discriminantes. Silveira e Ribeiro (2014) mostram em seus estudos que em algumas áreas acadêmicas como na física e em alguns ramos da Engenharia, as mulheres são consideradas como pessoas “fora de lugar”. Desse modo, por mais que as mulheres venham provando sua capacidade para realizar as mais variadas funções (verdade perceptível no que tange ao discurso), predomina a cobrança sobre elas, e as mesmas continuam a acreditar, que são as principais responsáveis pelos cuidados da casa e, principalmente, dos filhos (Santos e Rocha-Coutinho, 2010).

No campo profissional, nota-se o crescimento da inserção das mulheres de classe média no mercado de trabalho e obtém-se como efeito, sua maior independência econômica (Santos e Rocha-Coutinho, 2010). Uma conquista da mulher, destacada por Ávila (2014) em seus estudos sobre a medicina (profissão predominantemente masculina), aponta para uma situação em que é uma obra inacabada, marcada por uma transformação lenta e gradual, na qual a sociedade vivenciou e continua vivenciando uma extensa mudança no procedimento de passagem da história da medicina, onde, nas últimas décadas, o hiato de gênero que impedia a entrada de mulheres na profissão, vem se rompendo e o que antes era uma profissão dominada por homens passa a ser dominada por mulheres.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Dentre a inserção da mulher nas mais diversas áreas destaca-se a militar, na qual, prevalece a presença do sexo masculino, pois considera-se que o processo educacional pelo qual um indivíduo passa para tornar-se um oficial militar utiliza muitas das características valorizadas na socialização masculina, a saber: força, o exercício da liderança e a capacidade de domínio (Adão, N.D). No Brasil, as mulheres puderam acessar ao direto à instituição militar em meados da década de 80. Em 1980 teve origem o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha, onde formava pessoal para desempenhar atividades técnicas e administrativas. No ano de 1998 foi extinto o Corpo Auxiliar Feminino e foi consentido que mulheres participassem em missões nos navios hidrográficos, oceanográficos e de guerra (Santos e Rocha-Coutinho, 2010).

No que refere-se à cadetes, era preciso que estas apresentassem ou demonstrassem atributos percebidos como próprios ao sexo masculino, caso contrário, não se saíam bem nos exercícios militares ou não poderiam atuar em postos de comando. O déficit destas “qualidades” nas mulheres era utilizado como argumento para desaprovar a participação feminina nesse campo. As mulheres ainda são caracterizadas pelo amolecimento e incapacidade física, ao contrário dos homens, que são considerados como aqueles que possuem pressão e potência. Tal oposição justifica o fato dos homens ocuparem as posições de comando, para as quais estariam “naturalmente” preparados. E os postos que necessitassem de orientação e obediência deveriam ser ocupados pelas cadetes que, por serem seres frágeis e delicadas, estariam melhor encaixadas neles. (Adão, N.D).

Adão (N.D) afirma que, no que se refere às instituições militares, é importante fazer destaque à incorporação das mulheres, pois quando estas passaram a integrar os quadros administrativos e mesmo quando se tornaram parte dos quadros permanentes, ficaram limitadas ao exercício de atividades não ligadas diretamente ao combate (por isso, de menor prestígio). Às mulheres não era permitido o acesso aos postos de comando, logo, estas ficavam impedidas de alcançar os níveis mais altos da carreira militar e dessa maneira, permaneciam limitadas a postos nos quais detinham uma condição de dependência em relação



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

aos seus superiores. Os quadros precisavam ser preenchidos e para tanto, o mercado abria às mulheres aquelas posições que não despertavam tanto interesse nos homens, sejam elas pela remuneração ou até pela posição social delas decorrentes.

Existem características negativas e/ou positivas apontadas para o desempenho profissional feminino, segundo estudos realizados por Santos e Rocha-Coutinho (2010), nas quais, são consideradas negativas, o nervosismo, a ansiedade, a insegurança e o fato de serem mais emocionais e menos frias que os homens; dentre as especialidades positivas, destaca-se o fato de as mulheres serem, por natureza, mais caprichosas, cuidadosas e, principalmente, mais detalhistas, algo que ajuda muito na profissão escolhida.

As primeiras mulheres formadas nas instituições militares são da atual década. Cabe destacar que, os homens não carregam a mesma dificuldade sentida pelas mulheres, o que marca a situação presente no discurso social, de que, o homem tem a profissão como algo fundamental em sua vida (por mais que haja investimento por parte das mulheres na carreira profissional) enquanto que para as mulheres o casamento e a família obtêm um peso maior, situação esta que impõe limites às suas escolhas profissionais e aos relacionamentos afetivos. De maneira que, estas não podem estar inteiramente engajadas na carreira profissional (Santos e Rocha-Coutinho, 2010).

Atualmente, as mulheres acreditam e se encontram em melhor condição na sociedade, no tocante ao respeito ao papel, à posição que ocupam e ao que delas é esperado e exigido, não obstante, entende-se que as mudanças ainda são lentas e este processo ainda está em curso (Santos e Rocha-Coutinho, 2010). É de extrema importância, ter a compreensão de que as relações entre homens e mulheres se constituem por relações de poder, onde são expressos e determinados os valores, interesses, necessidades, desejos e representações sociais e culturais, que, diversas vezes, podem produzir preconceitos de gênero.

Se houver o entendimento de que essas relações são construídas, elas podem, então, ser modificadas. Nesse sentido é Preciso romper com a lógica binária e, de certo modo,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

"perversa" do preconceito de gênero, levantando os problemas das relações que nos constituem como sujeitos de determinada história e cultura (Silva e Ribeiro, 2014). O processo de desconstruir a lógica binária dos gêneros sugere problematizar a oposição hierárquica existente entre eles, na qual o masculino é tomado como referência. Também é preciso compreender o caráter construído, fragmentado, contingente e plural das identidades, portanto, não existe a mulher como um grupo universal e fixo, e sim, várias e diferentes mulheres, que aprendem a ser, pensar, agir e se reconhecer de determinado jeito de acordo com os contextos sociais, culturais e históricos nos quais estão inseridas (Silva e Ribeiro, 2014).

CONCLUSÕES: Diante do exposto, percebe-se que a trajetória feminina é marcada por várias modificações ao longo do tempo, passando por diversos preconceitos que aparentavam ser, limitantes. Prevaleceu por muito tempo a ideia de que o homem era o sexo que poderia tudo, enquanto a mulher, sexo frágil, pouco poderia realizar, ficando restrita ao que o homem e a sociedade lhes permitiam.

Com insistência e algumas iniciativas, como o movimento feminista, a mulher ganhou espaço e conquistou algumas posições no mercado de trabalho, inclusive no campo militar. Porém, ainda que exerça funções antes totalmente masculinas, a mulher ainda precisa ganhar confiança e mostrar constantemente suas capacidades, pois a diferença de sexo é ainda fator presente na sociedade. Para que essa dualidade seja desconstruída é preciso que se problematize a oposição hierárquica existente e que se compreendam as representações e identidades de gênero visíveis atualmente não como fatos naturais, mas sim como construções sócio históricas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADÃO, M. C. O. *A formação militar e a incorporação feminina: as dificuldades na ocupação de novos espaços*. Disponível em http://www.arqanalagoa.ufscar.br/abed/Integra/Maria_Cec%C3%ADlia_de_Oliveira_Ad%C3%A3o_12-08-07.pdf. Acesso em 20 de abril de 2015.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ÁVILA, R. C. *Formação das mulheres nas escolas de medicina*. Rev. bras. educ. med., 38 (1), 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010055022014000100019&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 20 de abril de 2015.

FONSECA, R. M. G. S. *A educação e o processo de inclusão- exclusão social da mulher: uma questão de gênero?*. Rev. bras. enferm., 48 (1), 1995. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S003471671995000100008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 20 de abril de 2015.

SANTOS, M. M. L. e ROCHA-COUTINHO, M. L. *Mulheres na Força Aérea Brasileira: um estudo sobre as primeiras oficiais aviadoras*. Estud. Psicol., 15 (3), 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413294X2010000300005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 20 de abril de 2015.

SILVA, F. F. e RIBEIRO, P. R. C. *Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher"*. Ciênc. Educ., 20 (2), 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S151673132014000200449&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 20 de abril de 2015.